

IDENTIDADE À LUZ DO PAI CRIADOR: O SER HUMANO COMO CRIATURA E FILHO DE DEUS

IDENTITY IN THE LIGHT OF THE CREATOR FATHER:
THE HUMAN BEING AS CREATURE AND SON OF GOD

Renan Figur¹

Paulo Willie Buss²

Resumo: O presente estudo busca responder, à luz dos desdobramentos dos ensinamentos do Credo Apostólico, o que define a identidade humana. Sabe-se que o fenômeno humano é estudado de forma ampla, mas esses estudos buscam mostrar que a identidade é formada pelo próprio indivíduo. A antropologia teológica, por sua vez, define o ser humano através daquilo que Deus diz sobre ele. Esta investigação é de cunho qualitativo e de natureza exploratória, cujo procedimento técnico de investigação é a pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam que o primeiro artigo do Credo já define o ser humano: ele é uma criatura, sustentado por um Deus relacional. O segundo e o terceiro artigos, juntos, mostram que Deus estabelece uma nova identidade ao ser humano, quando se relaciona com ele através de um ato salvador. Deus renova a criatura, criando uma realidade espiritual, através do batismo. O ser humano nunca deixa de ser criatura,

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2019, Canoas, RS. Pós-graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2021). Pastor em Nueva Esperanza, Canindeyú, Paraguai. Artigo de conclusão para obtenção da Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (2021).

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, Porto Alegre (1977). Estudos em Ciências Sociais, UFRGS (1975-1979). Estudos em História, Faculdade Porto-Alegrense (1977-1979). Mestre em História da Igreja, Concordia Seminary, St. Louis, USA (1981). Doutor em Teologia, Concordia Seminary, St. Louis, USA (1994).

nunca deixa de ser pecador, mas o crente recebe dádivas muito maiores do que ser sustentado por Deus.

Palavras-chave: Antropologia luterana. Identidade humana. Credo Apostólico. Criatura. Filho de Deus.

Abstract: The present study seeks to answer, in the light of the unfolding of the Apostles' Creed teachings, what defines human identity. It is known that the human phenomenon is broadly studied, but these studies seek to show that identity is formed by the individual itself. Theological anthropology, in turn, defines the human being through what God says about him. This investigation is qualitative and exploratory in nature, and the technical investigation procedure is bibliographic research. The results show that the first article of the Creed already defines the human being: He is a creature, sustained by a relational God. The second and third articles together show that God establishes a new identity to the human being when he relates to him through a saving act. God renews the creature, creating a spiritual reality, through baptism. The human being never ceases to be a creature, never ceases to be a sinner, but the believer receives gifts far greater than being sustained by God.

Keywords: Lutheran Anthropology. Human Identity. Apostolic Creed. Creature. Son of God.

INTRODUÇÃO

O ser humano tem sido estudado por diversas áreas do conhecimento, de forma que “todas as ciências e todas as artes iluminam, a partir de ângulos específicos, o fenômeno humano” (MORIN, 2012, p.16). Essa busca constante por respostas ao fenômeno humano revela a incapacidade de “viver sem uma fonte de segurança, um senso de significado e uma identidade pessoal” (KOLB, 2009, p.21). Esses questionamentos que há anos regem a busca da identidade humana não foram tão bem explorados e trabalhados pela teologia luterana (ARAND; BIERMANN, 2007, p.116), de maneira que a definição de ser humano não é tão clara como poderia ser.

“Quem somos? Esta é a pergunta que precisamos responder, para podermos saber como viver neste mundo” (SCHUMACHER, 2017, p.49). Essa resposta, no entanto, não é interna, mas externa; “[não] se pode construir uma identidade por meio do autorreconhecimento; ela deve vir em grande medida dos outros” (KELLER, 2018, p.164). Identidade, portanto, não é um fenômeno que se produz, tampouco se conquista; ela é uma definição alheia aos seres humanos e só pode ser dada por seu criador.

Enquanto os focos de luz dados pela ciência são cobertos por profundas zonas de sombras (MORIN, 2012, p.16), “trazendo à luz incômodas verdades, [que introduziram] o ser humano numa crise de identidade” (BRAKEMEIER, 2002, p.11), o olhar teológico sobre os seres humanos “procura [vê-los] em sua totalidade [... para mostrar] como somos conhecidos por Deus” (SCHUMACHER, 2017, p.49). A antropologia luterana reconhece os seres humanos como criação de Deus; “a relação com o criador é constitutiva para a compreensão do fenômeno humano” (BRAKEMEIER, 2002, p.18). Por mais que o olhar científico não queira observar isso, a dignidade (ou a identidade) da humanidade é dada “pela Palavra da criação de Deus e [...] através da Sua Palavra de justificação por causa de Cristo, uma Palavra recebida somente pela fé” (ARAND, BIERMANN, 2007, p.116 – tradução nossa). Por isso, quando se fala teologicamente sobre o ser humano, é necessário considerá-lo sob três aspectos; “em primeiro lugar, ele é criatura; em segundo lugar, o ser que deturpou o seu ser-criatura – ou seja, pecador; em terceiro lugar, o ser que foi recomposto da deturpação de seu ser-criatura por meio de Jesus Cristo” (BAYER, 2007, p.111). Aspectos que só podem ser compreendidos e reconhecidos por meio da fé.

Dos três aspectos do ser humano apontados por Bayer, é necessário dar ênfase ao primeiro e ao terceiro, sabendo, entretanto, que o segundo tem importância e é a causa da nova ação de Deus em favor do ser humano. Por mais que a queda em pecado tenha influenciado profundamente o relacionamento entre Deus e o ser humano, Deus não abandonou sua criação; “o mundo criado agora é o mundo caído *preservado*” (BONHOEFFER, 2020, p.135 – grifo do autor). Isso se aplica à criação como um todo, inclusive ao ser humano. Por esse motivo, Schumacher aponta que a antropologia se resume a duas tensões. Para ele, a humanidade se resume em “ser ‘*simul creatus et peccator*’ e também ser ‘*simul peccator et iustus*’”

(SCHUMACHER, 2010, p.149 – tradução nossa).³ Isso será explorado olhando atentamente para a explicação de Lutero ao Credo Apostólico.

O afastamento de Deus causado pela queda “não significa que a criatura que procede da mão de Deus tenha mudado; ela é e permanece boa” (ALTHAUS, 2008, p.128). As criaturas, a criação, “a obra de Deus, como imagem intacta da vontade de Deus é boa” (BONHOEFFER, 2020, p.62), porque o “mundo, tendo uma vez sido criado por Deus (separado do pecado!), não pode obviamente cessar de ser determinado por este fato decisivo” (BARTH, 2010, p.45). A criação é boa, porque o criador é bom; ambos não deixam de ser bons, mesmo que o ser humano não reconheça ou os tenha como inimigos.

Afirmar qualquer coisa contrária a isso seria admitir uma responsabilidade divina sobre o pecado humano.⁴ O que mudou com a queda é a forma como o ser humano se relaciona com Deus (Adão e Eva escondem-se) e muda também a forma como Deus se relaciona com o ser humano (afinal, o ser humano não está mais em estado de perfeita comunhão com Deus e precisa ser redimido, resgatado da comunhão com as trevas). “Apesar de nossa culpa e indignidade, como pai fiel, Deus se apega firmemente a Seus filhos” (PETTERS, 2011, p.67 – tradução nossa).

O SER HUMANO COMO CRIATURA

A fidelidade de Deus, que se apega aos seus filhos, é manifestada nos catecismos de Lutero, especialmente quando ele comenta o primeiro artigo e enfatiza a palavra criador. “Creio que Deus me criou a mim e a todas as criaturas” (LUTERO, 2021, p.389). Como a identidade humana não é definida internamente, mas, sim, definida e manifestada pelo criador,

3 As duas expressões latinas que o autor usa significam, respectivamente, “ao mesmo tempo criado/criatura e pecador” e “ao mesmo tempo justo e pecador”.

4 O artigo primeiro da Fórmula de Concórdia (FC) deixa claro que Deus não é criador ou autor do pecado, mas, sim, que o pecado original é obra diabólica. Na Declaração Sólida (DS) está escrito: “se não houvesse diferença nenhuma entre a natureza e a essência de nosso corpo e alma, que são corrompidos pelo pecado original, e o pecado original, que corrompe a natureza, a decorrência disso seria ou que Deus, visto ser o criador dessa nossa natureza, também criou e fez o pecado original, que, portanto, também seria sua obra e criatura, ou, visto ser o pecado obra do diabo, que Satanás seria o criador dessa nossa natureza, de nosso corpo e alma, que também teria que ser obra ou criação de Satanás, se, sem qualquer distinção, nossa natureza corrompida fosse o próprio pecado” (FC DS, 2021, p.580). Ou seja, a criação de Deus permanece sendo boa, apesar do pecado que a corrompeu.

não é estranho, portanto, o estudo sobre o ser humano começar “com uma confissão de que Deus é ‘criador do Céu e da Terra’. [Ou seja, o] foco dessa confissão não é a criatura, mas o Criador” (SCHUMACHER, 2017, p.53).

Essa confissão do Credo testemunha que o “Criador é um só, [e isso] exclui toda fundamentação da criação em outra coisa” (BAYER, 2007, p.117). Dessa confissão não se pode extrair uma teoria “das origens do ser humano [...], mas apenas a confiante confissão de ‘que Deus me criou a mim’” (SCHUMACHER, 2010, p.148). O que o primeiro artigo do credo faz é mostrar um Deus relacional, que se importa com as suas criaturas. Assim, a “doutrina da criação, ou mais corretamente, do criador, fala de Deus em sua relação dEle com a nossa existência como com o nosso mundo” (BARTH, 2010, p.42).

Ao afirmar e confessar que Deus é criador, manifesta-se acima de tudo, conforme o que se depreende do ensino de Lutero, “que Deus é *meu* Criador [... Aquele que é a] fonte de tudo que me faz e me mantém a criatura que sou, e por isso ele é a fonte do meu ser e da minha identidade” (SCHUMACHER, 2010, p.160 – grifo do autor, tradução nossa). Ou seja, ao afirmar isso, Lutero testemunha que o ser humano está “incondicionalmente nas mãos do Todo-Poderoso” (GINGERSOHN, 1959, p.134). A explicação de Lutero expressa a confiança de que a vida está na mão do criador. “Quero dizer e creio que sou criatura de Deus, isto é, que ele me deu e, sem cessar, conserva corpo, alma e vida, pequenos e grandes membros, todos os sentidos, razão e inteligência e assim por diante” (LUTERO, 2021, p.465). E, por isso, é compreensível pensar que a identidade humana não é definida por uma construção social, mas um decreto divino. “As Escrituras nos dizem que somos criaturas humanas, criaturas que têm a sua origem na mão de Deus” (KOLB, 2009, p.20).⁵ Ou seja, o ensino bíblico retira o foco do que o ser humano diz e pensa sobre si mesmo, ou ainda o que a sociedade afirma sobre ele, mas revela e destaca o que Deus afirma e pensa (KELLER, 2018, p.176).

⁵ Kolb, é possível supor, está falando dos textos que se referem à criação do ser humano; Gênesis 1 e 2; Jó 10; Salmo 139. Tanto em Jó quanto em Gênesis há termos derivados da raiz verbal ysh , que, quando possui Deus como sujeito, ressalta seus grandes feitos através e na história; a criação, evidentemente é o primeiro grande feito divino. O destaque bíblico é feito para mostrar como Deus age na vida das pessoas, não ficando ausente ou distante, mas apresentando-se como um Deus relacional, que não perde sua capacidade de comunicação com a sua criação (MCCOMISKEY, 1998, p.1180).

Na vastidão de coisas criadas, há, entre as criaturas, alguns elementos que as diferenciam. Entre as criaturas de Deus, somente o ser humano reconhece sua finitude, somente ele sabe que vai morrer (BRAKEMEIER, p.173, 2002); além disso, o ser humano recebe a capacidade de conceber e compreender que é uma criatura de Deus. Isso, unido ao fato de que Deus habita no ser humano, é o que constitui a sua humanidade (GINGERSOHN, 1959, p.137; BONHOEFFER, 2020, p.67; KIERKEGAARD, 2018, p.34). Quando o salmista faz uma das perguntas mais atuais, embora dita séculos atrás: “que é o homem, para que dele te lembres?” (Sl 8.4a), Gingersohn (1959, p.137) responde dizendo que “somos a obra de Deus e nesta obra a riqueza do seu amor se manifesta”. Kidner (1981, p.83) mostra que o salmista, diante da sua insignificância, está surpreso com o caráter cuidador e mantenedor de Deus. Essa surpresa é autêntica, diante da insignificância e condição natural de pecaminosidade. No ser humano não há virtude ou razão para que Deus o mantenha, mas Deus age em favor da humanidade sem mérito ou dignidade da parte das pessoas; Deus age por amor, misericórdia e fidelidade. As palavras de Lamentações resumem bem este conceito, quando afirmam que “As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade” (Lm 3.22-23).

Em razão disso, é mais fácil o ser humano ficar surpreso com esse caráter divino, reconhecer seu estado terminal do que reconhecer-se como criatura; afinal, sem a fé, isso é algo impossível de ser compreendido.⁶ Contudo, ao identificar-se como uma criatura, a forma como o ser humano se coloca diante de Deus muda. Ele não mais se coloca como um rebelde, “numa postura de confrontação, mas descansa na mão do Pai, no colo do pai. A vida da criatura humana [passa a ser] reconhecida como um dom deste Pai [...] e o Criador é reconhecido como centro desta vida” (KOLB, 2009, p.29). Confessar a fé no criador, ou, em outras palavras, reconhecer-se criatura, significa “confessar sua própria inabilidade e que a pessoa espera tudo somente de Deus” (ALTHAUS, 2008, p.135). Nota-se, portanto, que esse reconhecimento só é possível e compreensível por meio da fé. Isso manifesta a unidade no Credo, a unidade da Trindade, mostrando que o

⁶ Analisando em paralelo o texto de Hebreus 11.1-3 e 1Coríntios 2.14, chega-se à conclusão de que o ser humano natural (carnal) é incapaz de compreender-se como criatura. Ou seja, só conhece a Deus e se reconhece como uma criatura, aquele que está na fé (verdadeira).

primeiro artigo está vinculado aos outros dois, de modo que a obra de Cristo na cruz, que torna os seres humanos filhos de Deus, e a própria fé que se apropria da obra de Jesus estão implicitamente presentes na palavra Pai. (GINGERSON, 1959, p.132; PETERS, 2011, p.73).

Esse reconhecimento passa a ser significativo, visto que, enquanto as vozes que ecoam no mundo são de julgamento (e por isso não podem ser a fonte da identidade),

[...] as palavras do nosso Criador significam uma fonte de segurança, que nos liberta de sermos forçados a buscar em nós mesmos todas as respostas adequadas para as questões sobre a vida. Finalmente, a doutrina da criação nos lembra que é bom o mundo criado, material, que está ao nosso redor, e isso nos leva a lembrar de como Deus faz uso de elementos selecionados, na ordem criada, para realizar a recriação de seres caídos (KOLB, 2009, p.20).

Assim, como conclui Barth (2010, p.43), no relacionamento entre as criaturas e Deus, o criador, este possui absoluta primazia. É por isso que a identidade do ser humano depende do que Deus tem a dizer a seu respeito. Quando se afirma que Deus

[...] forma o ser humano com suas próprias mãos, duas coisas são afirmadas: por um lado, a proximidade corporal do Criador com a criatura, uma vez que é realmente ele que me faz – a mim, ser humano – com suas próprias mãos, e se preocupa comigo, pensa em mim, tem um propósito para mim, está perto de mim. Por outro lado, há o seu poder, sua absoluta superioridade, na qual ele me molda e me cria, e pela qual sou sua criatura; sua paternidade, na qual me cria e na qual eu o adoro – esse é o próprio Deus, o qual toda a Bíblia testemunha (BONHOEFFER, 2020, p.78-79).

Por ter origem nele, os seres humanos são eternamente dependentes; portanto, é a partir do criador e de seus planos que o ser humano pode viver sua vida, sempre sendo amparado por Deus e pela estrutura criada por ele para o bem-estar (KOLB, 2009, p.25). Apesar de jamais o ser humano ser como Deus é, a fé no primeiro artigo do credo, ou seja, a fé em Deus, o criador de toda a vida, o capacita e lhe fornece a base para perceber que pertence ao criador (PRUNZEL, 2017, p.83; GINGERSON, 1959,

p.139) e que ser uma criatura é algo bom, porque descansa nos braços de um Pai amoroso. “A confissão de um criador anuncia nossas limitações e incapacidades. No entanto, o relacionamento da criatura com o Criador é um relacionamento que o próprio Evangelho restaura” (ARAND; BIERMANN, 2007, p.128 – tradução nossa).

A NOVA RELAÇÃO DO SER HUMANO COM DEUS

A nova relação entre o ser humano e Deus é consequência da queda. Embora seja a causadora da separação entre ambos, não há necessidade, neste espaço, de debater a causa do pecado, tampouco o que é o pecado original. Cabe, no entanto, lembrar que o “ser humano perdeu, pela queda, (*peccatum originans*)⁷ a sua justiça e santidade concriadas (*iustitia originalis concreata*). Agora se acha em estado de corrupção (*in statu corruptionis*)” (MUELLER, 2004, p.211). É necessário, no entanto, refletir sobre as suas consequências. A relação entre Deus, o criador, e as suas criaturas mudou. O pecado, um fenômeno plural e identificável em diversas esferas da vida, é a mais trágica enfermidade humana, comparável a uma profunda corrupção, algo que rompe a relação com Deus e com os demais seres humanos (BRAKEMEIER, 2002, p.55). Depois da queda, “não se pode mais fazer nenhuma afirmação humana sobre o ser humano sem levar em conta o seu ser *sicut deus*,⁸ ou abstraindo desse fato” (BONHOEFFER, 2020, p.116). Elementos novos – e maus – foram acrescentados à criação divina. A condição humana de totalmente e, ao mesmo tempo, criatura e justo se perdeu com a queda; agora “cada ser humano é ao mesmo tempo criatura e pecador, não em tempos diferentes ou em proporções variadas, mas *simul e in toto*”⁹ (SCHUMACHER, 2010, p.170 – tradução nossa).

Essa condição comum a todos os seres humanos causa “*a morte com todos os seus castigos temporais e eternos e os múltiplos pecados atuais, dos quais todo ser humano, por haver nascido em pecado, traz a culpa*”

7 Aparentemente, Mueller cria um termo em latim, que pode ser traduzido como “pecado originante”. Mais para frente, em seu livro, ele comenta que os pecados atuais são consequências do pecado original – ou pelo pecado originante, como ele se propõe a dizer.

8 De acordo com a nota do próprio tradutor, “como Deus”.

9 Ao mesmo tempo e em todo.

(MUELLER, 2008, p.223 – grifos do autor). Ou seja, como aponta Bayer (2007, p.113), enquanto a natureza do ser humano, a sua identidade, está na fé, a “sua desnaturação está na incredulidade, no pecado”. A humanidade, que perdeu seu estado de comunhão com Deus, vive a partir da queda, envolvido em rebeldia e insubmissão diante do criador, de modo que toda sua existência seja corrompida pelo pecado (SCHUMACHER, 2010, p.165). A morte, entretanto, não atinge apenas os seres humanos. A finitude, embora reconhecida apenas pelos seres humanos, é vivida por eles próprios, pela natureza e pelo cosmos.¹⁰ Nota-se, portanto, a universalidade do pecado, testemunhada por Paulo ao escrever à igreja de Roma, com palavras que ecoam o livro de Eclesiastes.¹¹

Pois a criação está sujeita à vaidade, não por sua própria vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada do cativo da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora (Rm 8.20-22).

E sendo o pecado uma rebelião contra Deus, e o reconhecimento de seu ser-criatura um fruto fé, Bonhoeffer (2020, p.115) chega ao ponto de dizer que o ser humano, com a queda, não pode ser chamado de criatura. Embora ele mesmo admita que o mundo e o ser humano permanecem sendo criaturas, essa declaração manifesta a profundidade e a corrupção da natureza que o pecado traz. Adão e Eva queriam tomar para si a condição

10 Lutero lembra, em seu comentário aos Romanos, que, conforme o testemunho de Gênesis, tudo é muito bom. Ele lembra também que estar sujeita à vaidade, como afirma Paulo, não é obra própria da criação, ou seja, foi causado por alguém outro (LUTHER, 1972, p.362-363). Bruce (2014, p.137), por sua vez, lembra que a doutrina da queda cósmica está registrada em Gênesis 3.17, que o ser humano faz parte da natureza (criação), que a humanidade, junto com a natureza, foram criados bons, mas que foram submetidos à frustração e à futilidade por causa do pecado, e que o ser humano, junto com a natureza, serão redimidos. Isso mostra que a condição de vaidade (o estado de frustração e escravidão) é passageira. Bruce parece estar alinhado com Lutero e acompanhar São João Crisóstomo, visto que ele observa que a vaidade da criação é seu estado de corruptibilidade causado pelo ser humano. Assim como a sua corruptibilidade está sujeita e condicionada ao ser humano, sua incorruptibilidade também está, porque a natureza, a criação toda aguarda a revelação dos filhos de Deus (CRISÓSTOMO, 2010, p.272-273).

11 Pelo menos, ao falar da universalidade do pecado, a linguagem paulina se assemelha ao texto de Eclesiastes 3.19. Além disso, o próprio uso do termo vaidade, como aponta Bruce, é um eco de Eclesiastes.

de criadores, perdendo seu relacionamento com Deus, removendo de si mesmos a condição de criaturas. “O ser *sicut deus* do ser humano *inclui*, precisamente, o seu não querer ser criatura” (BONHOEFFER, 2020, p.116 – grifo do autor). De fato, não querer ser criatura manifesta a rebeldia que o ser humano caído possui diante de seu criador.

As dimensões corrompidas da humanidade, a constante rebelião contra Deus, a propensão para o mal, o deleite no erro e nas trevas, a náusea para o bem, a aversão à luz e à sabedoria (LUTHER, 1972, p.299), colocam o ser humano como um inimigo do criador. Isso causa no restante da criação de Deus (onde ele também revela seus dons, sua bondade) uma antipatia e uma hostilidade diante do ser humano; “o universo, que está permeado pelos dons de Deus e sinais de sua bondade, torna-se um lugar em que o homem pode ver sua inimizade com o divino atrás de cada arbusto” (SCHUMACHER, 2010, p.173 – tradução nossa). Althaus, porém, ressalta que isso não é causado pela outra criatura. “A impressão de que ela é nossa inimiga não vem da própria criatura, mas de nós mesmos; e somos nós mesmos que causamos a nós o medo de Deus e fugimos dele” (ALTHAUS, 2008, p.128). A responsabilidade pela inimizade com outros seres humanos, outras criaturas de Deus, é da condição natural de corrupção da humanidade.

Ou seja, a condição de criatura foi maculada pelo pecado. O ser humano não quer mais se reconhecer uma criatura, mas quer tomar o lugar do criador. No entanto, Deus ainda é o criador, por mais que o ser humano resista em o reconhecer. Para que as criaturas se mantenham vivas, em meio ao pecado, são necessários cuidados e proteção divinos. A falta de mérito ou a dignidade que as criaturas humanas possuem e a total dependência do amor e da bondade de Deus não ocorrem “apenas porque elas são pecadoras, mas antes de tudo por que são *criaturas*” (SCHUMACHER, 2010, p.148 – grifo do autor, tradução nossa).

Diante de tal situação, unicamente Deus é capaz de mostrar ao ser humano, que mesmo tendo caído em pecado, não perdeu a sua relação com o criador.

Somente [Deus] poderia falar [ao ser humano] em sua condição nunca abolida de criatura, e isso ele faz em Jesus Cristo, na cruz, na igreja. Apenas como verdade dita por Deus e na qual, por causa de Deus, nós cremos, apesar de todo o nosso conhecimento da

realidade, é que Deus fala da condição de criatura do ser humano (BONHOEFFER, 2020, p.116).

Por Deus continuar tendo a primazia e controle sobre sua criação, continuar falando através da igreja, continuar agindo, através das suas criaturas, neste “contexto de uma vida destinada à morte, a afirmação de que Deus nos sustenta assume um significado ainda mais profundo” (GINGERSON, 1959, p.143 – tradução nossa). O ser humano caído permanece sendo o ser humano cuidado, porque Deus não mudou; ele permanece sendo o senhor da história; ele permanece sendo o criador; isso o pecado humano é incapaz de tirar de Deus.

A DEPENDÊNCIA DO SER HUMANO

“Assim como Deus criou o mundo, ele também o sustenta e zela constantemente por todas as criaturas, em particular pelo ser humano” (MUELLER, 2004, p.193).¹² Embora a queda tenha causado uma ruptura na relação entre os seres humanos e Deus, causando uma rebelião, uma confrontação da criatura diante do criador, Deus não mudou seu caráter provedor.¹³ Necessariamente, a preservação do mundo é vista apenas como vontade de Deus; sendo o criador de tudo, é dele que depende a existência de toda a criação. Por isso, é somente pela vontade divina que o mundo continua a existir (GINGERSON, 1959, p.135).

12 Muitos são os textos bíblicos usados para exemplificar esse cuidado de Deus com a criação. Dentre os textos, destacam-se o texto de Zacarias 7.10, no qual se fala a respeito do quarteto vulnerável no Antigo Testamento, e o texto de Mateus 6.25-34, em que Jesus fala sobre as preocupações e orienta seus ouvintes a fixarem o olhar para os lírios do campo e as aves do céu. O texto de Mateus é muito útil para demonstrar o cuidado de Deus pela sua criação, afinal os pássaros que não trabalham recebem o alimento do seu criador, que está no céu. Ao refletir sobre este texto, Kierkegaard (2018) sugere que o que realmente se aprende com os lírios do campo e com as aves do céu é que quem os nutre, quem os alimenta é o Pai celeste. Isso ele faz, naturalmente, também com as demais criaturas.

13 Quando Lutero (2014, p.113) comenta Gênesis 2.2, ele mostra que Deus não deixou de trabalhar, quando descansou no sétimo dia. Ele afirma que descansar não é sinônimo de deixar de conservar e governar aquilo que ele mesmo havia criado. Com João 5.17 em mente, Lutero apresenta que “Deus continua trabalhando até hoje. Ele, efetivamente, não abandonou a natureza que criou, mas a governa e a conserva mediante a força da sua Palavra. Ele terminou de criar, mas não cessou de governar o que havia criado” (LUTERO, 2014, p.113).

Deus não deixa de cuidar do seu mundo criado, ainda que sua ira se manifeste contra o pecado. Petters (2011, p.66-67) aponta que há uma transição presente nos catecismos de Lutero e que ela se torna visível quando ele passa a falar do domínio protetor de Deus usando os verbos dar e conservar. Afirma Lutero (2021, p.465) “que sou criatura de Deus, isto é, que ele me deu e, sem cessar, conserva corpo, alma e vida”. Além disso, ele testemunha que Deus “põe todas as criaturas a serviço de nosso proveito e da manutenção de nossa vida, [com] tudo o que [o mundo] contém e pode produzir” (LUTERO, 2021, p.465-466). O elemento diferente, introduzido por Lutero é a noção de que “ser dependente de Deus, totalmente dependente, isto é independência” (KIERKEGAARD, 2018, p.39). A preocupação de Kierkegaard de dar consolo ao aflito, que busca seu sustento em si mesmo, assemelha-se ao que faz Lutero nos catecismos; ambos olham para o Senhor da vida; ambos olham para o sustentador do mundo; ambos deixam de olhar para as inconstâncias que a criação corrompida oferece e olham para o único que pode amparar o desesperado, porque ele é eterno e nele não existe sombra de variação (Tg 1.17). “Tudo o que possuímos e, além disso, o que há no céu e na terra nos é dado, conservado e protegido por Deus a cada novo dia” (LUTERO, 2021, p.466).

Essa atenção e esse destaque dados por Lutero ao termo criador¹⁴ mostra que os seres humanos também são criaturas de Deus e assim se confessam, quando reproduzem as palavras do Credo (e confiam nelas). Como se pode notar, a vida tanto física quanto espiritual está sendo vista como presente de Deus. Esse testemunho direciona o crente à confiança, à dependência, ao serviço e ao louvor do criador (PETERS, 2011, p.61-62). Essas dádivas, contudo, ainda não evidenciavam a natureza paternal de Deus, ainda que a palavra Pai precede, nos credos, a palavra criador. No entanto, o termo Pai recebe destaque, assumindo o protagonismo, quando se debate a dependência humana. No mundo caído, modificado, que aboliu a perfeição, o ser humano “não pode viver com Deus, com os outros seres humanos e com a natureza; mas [...] também não pode viver sem Deus, sem os outros e sem a natureza” (BONHOEFFER, 2020, p.132).

Mesmo em meio à maldição em que o mundo se encontra, o ser humano (e todas as demais criaturas) “é abençoado por Deus; na inimidade, nas

14 Algumas edições dos catecismos, bem como algumas edições do *Livro de Concórdia*, apresentam alguma ênfase a esta palavra (deixando-a em negrito ou maiúsculo). A edição mais recente do *Livro de Concórdia*, no entanto, retirou esse destaque.

dores e no trabalho, [porque] é um mundo pacificado, [onde] a *vida é mantida*” (BONHOEFFER, 2020, p.132 – grifo do autor). A manutenção da vida, portanto, é uma bênção de Deus para a sua criação. É também uma função humana, como cooperador de Deus nesse cuidado, visto que Adão, aquele a quem Deus criou perfeito, foi colocado em um jardim para ser responsável pelo seu cuidar. Como representante da humanidade, Adão foi colocado ao trabalho, para que a característica que o definisse fosse, portanto, a sua recepção totalmente passiva (como um filho recém-nascido de Deus) daquilo que Deus provê, como ter sido colocado no mundo sem mérito ou dignidade, e totalmente ativo, ao mesmo tempo, agindo como um vizinho responsável para outras pessoas e trabalhando para o mundo de Deus (ARAND; BIERMANN, 2007, p.120). Ou seja, em todo o trabalho, obra, função, que o ser humano e todas as demais criaturas executam, Deus está agindo.

Trabalhando, o homem se assemelha a Deus, que afinal também trabalha. E quando então um homem trabalha para comer, não diremos tola mente que ele alimenta a si mesmo, antes diremos, justamente para lembrar de como é glorioso ser um homem: ele trabalha com Deus pela comida. Ele trabalha com Deus, portanto, ele é colaborador de Deus (KIERKEGAARD, 2018, p.55).

Deus não quer o mal para suas criaturas. O propósito divino para as criaturas é o bem-estar. Diante dos relacionamentos criados entre as criaturas, é possível manifestar o desejo de Deus para elas: bem-estar neste mundo e bem-aventurança eterna. “Os seres humanos são criados para realizar suas tarefas atribuídas por Deus para o bem-estar da criação humana e não humana” (ARAND; BIERMANN, 2007, p.120 – tradução nossa).

Assim, pelo que já se expôs até agora, é possível notar que a identidade do ser humano, definida pelo seu criador, não se perde e se manifesta através de relações. “Ele *continua* a atuar como Criador, ou, melhor, como Sustentador, exercendo seu cuidado amoroso pelas suas criaturas a cada dia” (KOLB, 2009, p.25 – grifo do autor). Embora haja um acidente na natureza humana, as pessoas e toda a criação permanecem sendo criaturas da criação de Deus e por elas Deus continua trabalhando.

Para o mundo, (também para o homem!), como Sua criatura, Deus o Criador está presente desta maneira, Ele o mantém em sua relativa

independência e caráter peculiar, em sua realidade que difere de Sua realidade; mas, ao mesmo tempo, também, como absolutamente supremo Senhor, Ele acompanha e, por conseguinte, dirige o mundo no todo e em parte, de acordo com a Sua divina vontade e prazer (BARTH, 2010, p.46).

Deus permanece sendo o criador e, portanto, senhor da história. O seu contínuo cuidado, embora de difícil compreensão e visão, ainda acontece. “Os milagres de Deus são feitos em todos os lugares no curso ordinário da natureza e não somente nos eventos extraordinários” (ALTHAUS, 2008, p.126). Esses pequenos e constantes milagres, que por causa da condição humana, parecem invisíveis, não podem ser negados. O próprio cuidado de Deus pela sua criação é um milagre. “No mundo caído, a bondade do Deus Criador está, na maioria das vezes, escondida sob muitos males do mundo, e permanece uma questão de fé a ser afirmada com claras evidências, não a partir de conclusão empírica” (SCHUMACHER, 2010, p.161 – tradução nossa). Isso quer dizer que é apenas por meio da fé que, mesmo diante das dificuldades, se confia que Deus está no controle da vida.

Essa confiança, essa dependência que o ser humano possui de Deus são confissões do seu ser-criatura. “Esperar pelo necessário à vida e estender a mão para recebê-lo: isto é fé e, ao mesmo tempo, a existência do ser humano e de toda criatura, sendo que essa existência é concedida por pura bondade e, a despeito de toda ameaça, por pura misericórdia” (BAYER, 2007, p.112). Bayer pode chamar isso de fé, porque a confiança e a dependência são usados nesse mesmo sentido. Em outras palavras, confessar, confiar, depender é ter fé.¹⁵ É por isso também que só se confessa como uma criatura aquele que está na fé. Sem mérito ou dignidade da parte da humanidade, Deus sustenta a sua criação através de suas outras criaturas; “em todo o meu ser, em minha condição de criatura, eu pertenço totalmente a este mundo, que me suporta, me nutre e me sustém” (BONHOEFFER, 2020, p.70). Deus, através de sua criação, dá suporte para a vida continuar;

15 Esta é a definição de Lutero sobre o que é ter um Deus (e, conseqüentemente, ter fé): “Deus designa aquilo que se deve esperar todo o bem. Ter um Deus, portanto, não é outra coisa senão confiar e crer nele de coração” (LUTERO, 2021, p.414).

Deus governa e está intimamente envolvido em tudo que fez, isto é, em tudo que existe. Essa soberania inclui as leis da física e movimento das galáxias, os assuntos das nações e a queda de um pardal (Mateus 10.29), e a sua providência se estende sobre os não crentes tanto quanto sobre os que creem (VEITH JUNIOR, 2012, p.74).

Esse envolvimento de Deus com tudo o que faz é a manifestação da misericórdia de Deus, da sua onipotência e do senhorio de Deus sobre toda sua criação. “Este é o estilo do senhorio de Deus. Ele sustenta e eleva na medida em que atua como nosso Senhor. Ele fornece o fundamento, a base para nossa vida e para a existência de toda a criação” (KOLB, 2009, p.31). Sua onipotência também está vinculada à sua ação no mundo. “[Ela consiste] na incessante atividade pela qual atua tudo em todos. Ser onipotente significa que Deus atua tudo em tudo que existe” (ALTHAUS, 2008, p.126). O reconhecimento da amplitude da ação de Deus como preservador do mundo é fonte para a anulação do individualismo e do egoísmo, afinal, o ser humano “não se encontra solitário e diretamente diante do seu Criador, mas em meio a um vasto mundo” (BAYER, 2007, p.119). Deus coloca as criaturas ao serviço de todas as demais criaturas, ou seja, uma criatura depende da ação de Deus, através da outra criatura, para que sua existência seja mantida. “O criador que tudo controla nos atrai surpreendentemente para perto de Si mesmo, com e sob as ‘máscaras e disfarces’ de Suas criaturas” (PETERS, 2011, p.83 – tradução nossa).

Contudo, a dependência do criador não se limita ao prover o necessário pela vida física; ela precisa ser compreendida à luz de 2Pedro 3.10: “O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a julguem demorada. Pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça,¹⁶ mas que todos cheguem ao arrependimento”. Ou seja, essa dependência do criador, essa vida que Deus concede a cada um para ser vivida só pode atingir a plenitude ao se reconhecer, pela fé, que o mesmo Deus que mantém a vida no mundo é o Deus que redime a vida humana e que restaura a condição natural do ser humano criado (totalmente criatura e totalmente justo, ao mesmo tempo).

16 Para a sequência do artigo, é importante olhar para o termo usado por Pedro nesta passagem. Por ser um derivado de *ἀπόλλυμι*, há uma conotação de destruição, extinção da existência física; algo, portanto, muito maior – e pior – do que a morte (HAHN, p.541, 2000).

É pela fé no amor salvador de Deus manifestado em Jesus Cristo que a frase “Creio que Deus me preserva” alcança o seu sentido pleno, devendo ser entendida à luz do segundo artigo do Credo: Deus preserva o pecador, que merece a morte, para que viva e receba vida eterna (GINGERSOHN, 1959, p.144 – tradução nossa).

Ainda que o ser humano caído não mereça a atenção divina, o amor do criador mantém a caótica criação em ordem. Deus se apegua aos pecadores, como se ele estivesse segurando aquelas criaturas que ele colocou no jardim e agora as mantém, apenas, por sua paterna misericórdia (PETERS, 2011, p.104). Então, o que o caráter provedor de Deus confirma e o pecado não anula, é que “a verdadeira existência e identidade das criaturas humanas não residem em si mesmas, mas propriamente fora delas, em Deus (como o autor e fonte de seu ser) e no próximo, através dos quais o Criador os serve e encontra” (SCHUMACHER, 2010, p.158 – tradução nossa).

O SER HUMANO COMO FILHO DE DEUS, A CRIATURA RENOVADA

Peters (2011, p.61) aponta que é somente a partir daqui que os cristãos podem ser diferenciados dos gentios. Deus não deixa de ser criador do mundo, e o ser humano, que depois da queda de Adão está na condição de pecaminosidade, não deixa de ser criatura. A relação filial, de filhos adotados,¹⁷ foi conquistada para as criaturas caídas e transmitida a elas por intermédio da ação do Filho único do Pai, fazendo o crente ser herdeiro¹⁸ das promessas de vida eterna com Deus. O que Deus faz é criar algo novo, sem destruir o antigo. Ou seja, a nova relação com Deus não causa uma anulação da identidade pecaminosa do ser humano. O que acontece, portanto, é uma sobreposição. O ser humano, totalmente criatura, totalmente pecador, passa a ser também totalmente filho de Deus. “Deus é agora um pai para nós, dando-nos a segurança inabalável que só um relacionamento pai-filho pode conferir” (KELLER, 2018, p.181).

Essa nova relação é concedida aos seres humanos por meio da fé, assim como o reconhecimento de que Deus é o criador. Tudo pertence à

17 Efésios 1.5; 1João 3.1.

18 Romanos 8.17; Tito 3.7.

esfera da nova criatura, gerada por meio da fé. É por meio da fé que o ser humano é confrontado pela Palavra de Deus e através dela conhece a si mesmo como criatura e como pecador; é também pela Palavra que se deriva a identidade humana e se compreende o que ele diz para a humanidade (SCHUMACHER, 2010, p.169). Ou seja, enquanto a condição de ser-criatura só é reconhecida por meio da fé, a relação de filho de Deus só é recebida por meio da fé. “O Deus eterno e sublime nos torna Seus filhos no batismo; somos capazes de nos dirigir a Ele em oração como nosso pai” (PETERS, 2011, p.73 – tradução nossa). É justamente na apropriação da obra de Jesus Cristo que acontece a sobreposição da identidade da criatura.

Por isso, o maior dom do amor de Deus é Cristo e o fato de ele ser “por nós”. Nesse dom, Deus se dá a si mesmo. Mas Deus dá os bens terrenos não somente porque ele é bom Criador, mas também por sua misericórdia, pela qual Deus tornou-se favorável a nós, pecadores, em Cristo (ALTHAUS, 2008, p.132-3).

De forma que, é através da conversão (normalmente, pelo batismo), como apontou Peters, que o ser humano pode chamar Deus de Pai e então se distingue dos demais seres humanos que são tão somente criaturas.

Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho ao nosso coração, e esse Espírito clama: “Aba, Pai!” (Gl 4.4-7).

O batismo concede ao ser humano uma condição nova diante de Deus. É pelo batismo que Deus “toma a pessoa, que nada é diante dele, e a veste com a dignidade de um justo” (ALTHAUS, 2008, p.135). De totalmente criatura e totalmente pecador, para totalmente criatura, totalmente pecador, totalmente justo; tudo ao mesmo tempo e completamente. Enquanto a expressão “‘criador’, nos fala de onde nós viemos; a palavra ‘Pai’ sobre a quem pertencemos e para onde devemos ir” (PETERS, 2011, p.78 – tradução nossa).

Pelo batismo, portanto, Deus transforma seu relacionamento com a criatura. Pelo batismo, as ovelhas passam a ouvir a voz do Bom Pastor.

“Deus nos chama pelo nome, e nosso relacionamento então é, inevitavelmente, de uma criatura dependente do criador (KOLB, 2009, p.30)”. Com essa restauração de relacionamento, a criatura se torna capaz de amar o criador – não apenas depender dele –, porque o criador manifesta esse amor pelas criaturas (de forma especial, em Cristo); por causa desse relacionamento renovado e restaurado, as criaturas humanas amam não apenas porque Deus as criou, mas, especialmente, porque após a queda em pecado, Deus se tornou ser humano para nos recriar, resgatar da perversão e da corrupção do pecado (BONHOEFFER, 2020, p.68; KOLB, 2009, p.32). Esse amor da criatura para com o criador mostra que “a união com Cristo faz o ser humano algo ‘mais do que humano’, ou seja, uma nova realidade ontológica que vai além da natureza humana criada” (SCHUMACHER, 2010, p.178 – tradução nossa).

A obra da redenção, portanto, é a restauração da humanidade. Essa obra é apropriada pelo ser humano pelo batismo. Mortos em suas transgressões e em seus pecados (Cf. Ef 2.1), os seres humanos recebem vida, por meio da fé em Jesus. As criaturas humanas foram restauradas por Deus “à plenitude de sua humanidade por meio da morte autossacrificial e ressurreição de Seu Filho. Ele nos concede a justiça de Cristo como um dom, o único que consola o pecador perturbado” (ARAND; BIERMANN, 2007, p.119 – tradução nossa).

A nova relação, o novo nome, filhos de Deus, é uma marca dos batizados. A justiça de Deus nos é atribuída pelo batismo, a *Cristo-identidade* passa a ser da criatura, porque Cristo vive no batizado (Cf. Gl 2.19-20; Gl 3.26-27). Isso fica bastante claro na teologia bíblica sobre o batismo, amparada especialmente por Romanos 6.

Ou será que vocês ignoram que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida.

Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que a nossa velha natureza foi crucificada com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sejamos mais escravos do pecado. Pois quem morreu está justificado do pecado. Ora, se

já morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele. Sabemos que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também vocês considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus (Rm 6.3-11).

O Deus que ordena o caos para criar o mundo, ordena o caos do coração humano ao recriá-lo através da fé. O batismo, evento único que conecta o ser humano à morte de Cristo e à sua ressurreição (VEITH JUNIOR, 2015, p.44), esconde a identidade humana no Cristo crucificado. A partir deste evento, a identidade renovada do ser humano se fundamenta na forma como Deus lhe dá valor e da maneira como ele estima seus filhos (KOLB, 2009, p.34). Dessa forma, por meio da união que Deus cria com seus filhos através da fé, lhes são atribuídas coisas que deveriam pertencer somente a Cristo: sua crucificação e sepultamento, mas especialmente sua ressurreição e exaltação; na cruz, Jesus foi castigado e tratado como deveriam ser tratados os pecadores, para que os pecadores possam, crendo nele, se apropriarem do que ele fez e serem tratados como ele merece ser (BRUCE, 2014, p.111-112; KELLER, 2018, p.178).¹⁹ É por isso mesmo que a fé é o centro da existência humana. Ou seja, “[o] que importa não é o que a sociedade diz a meu respeito nem o que penso de mim, mas o que Deus diz e pensa” (KELLER, 2018, p.178).

Ser filho, ser dependente, ser criatura, são dádivas do criador. Mesmo sendo pecadores – e não se livrando desta condição –, Deus manifesta seu amor e cuidado pelas suas criaturas criadas e atinge a plenitude (e completude) do seu amor enviando Jesus Cristo ao mundo, para redimir a

19 O ensino acerca da apropriação da justiça de Cristo por meio da fé (e, evidentemente, do batismo) é visível nos escritos de Lutero, especialmente no escrito da Liberdade Cristã, onde ele compara a ação salvífica de Deus com um casamento. O que é da noiva passa a ser do noivo, e o que é do noivo passa a ser da noiva. Isso é chamado de “troca-feliz” (BAYER, 2007) ou “feliz-troca” (KOLB, 2009). Conforme nota do tradutor da obra de Bayer, a edição de Weimar não usa o termo feliz-troca, mas o conceito é usado na Obra Seleccionada n.2. “Quando o rico e piedoso noivo Cristo toma por noiva esta meretrícula pobrezinha e ímpia, redimindo-a de todos os seus males e ornando-a com todos os seus bens, já não é mais possível que seus pecados a levem à perdição, visto que estão colocados sobre Cristo e absorvidos nele. Ela própria tem esta justiça em Cristo, seu noivo, da qual deve usufruir como de sua própria, podendo opô-la a todos os seus pecados, contra a morte e o inferno, em confiança, e dizer: “Se eu pequei, não pecou, todavia, meu Cristo, em quem creio; tudo o que é dele é meu e tudo o que é meu é dele” (LUTERO, 2011, p.443).

humanidade. No entanto, como não há uma aniquilação de quaisquer condições (o ser humano continua pecador, criatura e filho, ao mesmo tempo), a velha natureza e a nova criatura estão constantemente em guerra e estão coabitando em cada ser humano convertido (Cf. Gl 5.17; Rm 7.18-19).

Mediante essa conversão, mediante essa divina filiação, o crente assume uma relação pessoal com o Deus relacional e assim “pode confessar as palavras do Catecismo: ‘Creio que Deus me criou’ [e admitir] que toda a sua vida, até as suas implicações finais, é afetada por essa confissão” (GINGERSON, 1959, p.138 – tradução nossa). O batismo regenera a identidade humana, colocando, por meio da fé, a cruz de Cristo como centro dessa vida. “Enquanto eu reconheço que Deus, que demanda autoridade sobre tudo no céu e na terra, é o meu Pai, sei que estou seguro em suas mãos; e reconheço que a minha identidade e o sentido da minha vida dependem do seu amor por mim e da sua alta consideração por mim” (KOLB, 2009, p.42).

O fenômeno humano, a identidade humana, só pode ser resolvido à luz da antropologia teológica. “Por que, ao contrário tanto da cultura tradicional quanto da secular, a identidade do cristão *não é algo que se alcança, mas que se recebe*” (KELLER, 2018, p.178). Descansar na mão do criador é depender dele para o sustento e para a redenção. É saber que a vida não depende de si mesmo, mas daquele que estima tanto o ser humano, que o trata como a “menina dos olhos” (Cf. Zc 2.8), que entrega o seu Filho unigênito por amor. “Não há nada mais valioso do que essa nova identidade” (KELLER, 2018, p.184). Não há nada mais valioso porque ela foi conquistada pelo sangue do Filho de Deus (Cf. 1Pe 1.17-18).

O que se depreende, portanto, do primeiro artigo é a identidade renovada do ser humano, em Cristo. Através da linguagem presente nele, a perspectiva da dependência do Pai transparece quando nossa condição de criaturas pecadoras transparece à luz da obra do Filho e do Espírito Santo, sendo a humanidade receptora da ação bondosa e misericordiosa do Pai. Isso demonstra que o segundo e o terceiro artigos já foram incluídos, ainda que secretamente no primeiro. Assim como não temos a capacidade de conhecer a Deus Pai como um criador bem-intencionado e preservador misericordioso à parte de Cristo por meio do Espírito Santo, é somente no Filho, pelo Espírito, que se pode cumprir os mandamentos do Pai (PRUNZEL, 2017, p.86; PETERS, 2011, p.100)

Assim, por meio deste artigo se aprende que nenhum de nós tem em si mesmo a vida, nem coisa alguma daquilo que acabamos de enumerar e daquilo que pode ser enumerado e também que não está em nosso poder conservar qualquer dessas coisas, por pequenas e insignificantes que sejam, pois tudo está compreendido na palavra “Criador”.

Além disso, confessamos que Deus Pai não nos deu apenas tudo o que possuímos e temos diante dos olhos, mais ainda nos preserva e defende diariamente, de todo mal e desgraça, e afasta de nós todo tipo de perigo e desastre. E tudo isso ele faz unicamente por amor e bondade, imerecidos por nós, como Pai amoroso, que cuida de nós, para que nenhum dano nos sobrevenha (LUTERO, 2021, p.466).

O criador bem intencionado é o Pai misericordioso. Depender dele é ser realmente independente. Ser filho é reconhecer as inúmeras bênçãos que Deus dá. A identidade à luz da cruz liberta o ser humano do julgamento dos outros, porque o Justo Juiz não nos julga, e ele mesmo nos define. O Senhor da vida chama os seres humanos de seus filhos. Nada é mais confortador que isso.

CONSIDERAÇÕES

Por ser o tema tratado neste artigo tão amplo, é difícil abordar todas as nuances em um único trabalho. Sendo o ser humano questionado e estudado por diversas áreas do conhecimento, a teologia precisa se manifestar, porque a identidade não é algo que se cria, que se alcança, que se merece; a identidade humana é uma dádiva divina. O ser humano é uma criatura sustentada pelo seu criador e depende inteiramente dele. O ser humano é também um filho de Deus, porque Deus o adotou, graças ao que Jesus Cristo fez na cruz. Deus sustenta e salva a humanidade, e isso faz sem qualquer mérito ou dignidade dela. Portanto, a identidade e até mesmo o valor do ser humano estão amparados naquilo que Deus declara sobre os seres humanos.

A respeito das pessoas, Deus afirma que todos são criaturas e que todos são pecadores. No entanto, alguns ele chama de filhos, porque chegaram à fé que confia nele acima de todas as coisas. A compreensão e a fé, portanto, de que Deus, como criador, é senhor e detentor da vida humana,

transforma o presente, porque ele tem algo a dizer sobre a existência de cada pessoa. Crer, portanto, é depender, confiar e amar aquele que é – e é o único que realmente pode ser – o senhor da vida que a todos sustenta e ampara (PETERS, 2011, p.69).

O ser humano não deixa de ser criação de Deus quando cai em pecado e sofre com essa queda, assim como não deixa de ser pecador, quando Deus o leva ao domínio da graça pelo batismo. O ser humano, como lembra Schumacher, é totalmente criatura, totalmente pecador, totalmente justo. O que muda não é Deus, mas o ser humano e a sua relação com Deus e com os seus semelhantes. A fé que confessa o Deus criador “não só proporciona senso de valor singularmente duradouro e indestrutível, mas também é recurso dinâmico para um senso de identidade fundamental que seja duradouro e integrador em toda situação” (KELLER, 2018, p.182).

Confessar “Pai, todo-poderoso”, confessar “o criador do céu e da terra” é confessar que há um Deus que se importa com a sua criação e age pelo bem dela – inclusive, em seu Filho, salvificamente – e “que tudo o que temos e recebemos [inclusive, a identidade, vem] de Deus” (LUTERO, 2021, p.467). Dependendo desse Pai amoroso, reconhecer-se uma criatura, amá-lo por ser chamado de filho são bênçãos que só podem ser compreendidas à luz da fé – fé que nos conecta a Cristo, o redentor. O ser humano é criatura, e isso é bom; contudo, em Cristo, o ser humano é nova criatura, é um filho amado e perdoado, e entrega a ele tudo que o angustia, sendo liberto da culpa; isso é incomparavelmente melhor. Se do ser humano em geral não se pode afirmar qualquer coisa sem lembrar de sua condição natural, do crente nada se pode afirmar sem lembrar da sua condição sobrenatural, herdada: o filho de Deus é um perdoado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHAUS, Paul. Deus é Deus. In: ALTHAUS, Paul. *A Teologia de Martinho Lutero*. Trad. Horst R. Kuchenbecker. Canoas: Ed. ULBRA, 2008.
- ARAND, Charles P.; BIERMANN, Joel. Why the Two Kinds of Righteousness. *Concordia Journal*, v.33, n.2, p.116-134, abr.2007.
- BARTH, Karl. *Credo*. Trad. Carl Guttemberg. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

- BAYER, Oswald. O ser humano: imagem fiel de Deus. In: BAYER, Oswald. *A teologia de Martin Lutero: uma atualização*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BÍBLIA. Português. Antigo e novo testamento. Trad. João F. de Almeida. 3.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRUCE, Frederick F. *Romanos: Introdução e comentário*. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Criação e queda*. Trad. Dilmar Devantier. São Leopoldo: Sinodal, 2020.
- CRISÓSTOMO, São João . *Comentário às Cartas de São Paulo/1: homilias sobre a Carta aos Romanos, comentários sobre a Carta aos Gálatas, homilia sobre a Carta aos Efésios*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- FÓRMULA DE CONCÓRDIA. Trad. Arnaldo Schüler. In: *Livro de Concórdia: as confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.
- GINGERSOHN, Herbert. The First Article: Of Creation. In: GINGERSOHN, Herbert. *Teaching Luther's Catechism*. Trad. John W. Doberstein. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1959.
- HAHN, Hans-Cristoph. Destruir, Perecer, Ruína. In: BROWN, Colin; COENEN Lothar (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- HAARBECK, Hermann. Novo. In: BROWN, Colin; COENEN Lothar (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- KELLER, Timothy. *Deus na era secular: como os céticos podem encontrar sentido no cristianismo*. Trad. Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- KIERKEGAARD, Søren. *Discursos edificantes em diversos espíritos – 1847*. Trad. Alvaro L.M. Valls e Else Hagelund. São Paulo: LiberArts, 2018.
- KIDNER, Derek. *Salmos 1-72*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova/ Mundo Cristão, 1981.
- KOLB, Robert. Todas as coisas foram feitas através de Jesus. In: KOLB, Robert. *Comunicando o Evangelho hoje*. Trad. Dieter Joel Jagnow. Porto Alegre: Concórdia, 2009.
- LUTERO, Martinho. Catecismo Menor e Maior. Trad. Arnaldo Schüler.

In: *Livro de Concórdia: as confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2021.

_____. Interpretação do Antigo Testamento: textos selecionados da Preleção sobre Gênesis. Trad. Geraldo Korndörfer. In: *Obras Selecionadas de Lutero*, v.12. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Editora da ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2014.

_____. Tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. Trad. Martin N. Dreher. In: *Obras Selecionadas de Lutero*, v. 2. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Editora da ULBRA; Porto Alegre: Concórdia, 2011.

LUTHER, Martin. Scholia. In: LUTHER, Martin. *Lectures on Romans*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1972.

MCCOMISKEY, Thomas E. אֱלֹהִים. In: HARRIS, Robert L; ARCHER JUNIOR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Orgs.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p.973-974.

MORIN, Edgar. Preliminares. In: MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Trad. Juremir J. Machado. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

MUELLER, John T. *Dogmática Cristã*. Trad. Martinho L. Hasse. Porto Alegre: Concórdia, 2008.

PETERS, Albrecht. The First Article about God as Our Creator. In: PETERS, Albrecht. *Commentary on Luther's catechisms: Creed*. Trad. Thomas H. Trapp. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2011.

PRUNZEL, Clóvis J. Estudo 9 – O Credo – Deus é Criador e Pai. In: PRUNZEL, Clóvis J. *Os catecismos de Lutero para o povo de Deus*. Porto Alegre: Concórdia, 2017.

SCHUMACHER, William W. Antropologia em Lutero e Osiander: uma diferença que persiste. In: BUSS, Paulo W. (Org). *Lutero e a antropologia: potencialidades e limites do ser humano*. Porto Alegre: Concórdia, 2017.

_____. Anthropology in the Lutheran Confessions. In: SCHUMACHER, William W. *Why do I say that you are?* Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2010.

VEITH JUNIOR, Gene Edward. *Espiritualidade da Cruz*. Trad. Paulo S. Albrecht. Porto Alegre: Concórdia, 2015.